

# HENRY DAVID THOREAU

Inclui  
"Sobre o dever  
da desobediência  
civil"



# WALDEN OU A VIDA NOS BOSQUES

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROMIDA

 Planeta

**HENRY DAVID  
THOREAU**

**WALDEN OU A VIDA  
NOS BOSQUES**



Tradução:  
Marina Della Valle



Copyright © Editora Planeta, 2021

Copyright © Marina Della Valle

Título original: *Walden & On the Duty of Civil Disobedience*

Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Thais Rimkus

REVISÃO: Laura Folgueira e Maitê Zickuhr

DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial

CAPA: Departamento de criação da Editora Planeta do Brasil

ILUSTRAÇÕES DE MIOLO E CAPA: Deco Farkas

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

---

Thoreau, Henry David

Walden ou a vida nos bosques / Henry David Thoreau; tradução de Marina Della Valle. - São Paulo: Planeta, 2021.

320 p.

ISBN 978-65-5535-482-9

Título original: Walden and on the duty of civil disobedience

1. Thoreau, Henry David -1817-1862 - Residências e lugares habituais - Estados Unidos 2. Walden Woods (Massachusetts, Estados Unidos) - Usos e costumes 3. Desobediência civil 4. Resistência ao governo I. Título II. Valle, Marina Della

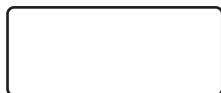
21-3383

CDD 818.303

---

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Escritores americanos - Biografia



Ao escolher este livro, você está apoiando o manejo responsável das florestas do mundo

2021

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – CEP 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

# Sumário

	Introdução .....	9
<b>1</b>	Economia .....	19
<b>2</b>	Onde e para que vivi .....	80
<b>3</b>	Leituras .....	95
<b>4</b>	Sons .....	105
<b>5</b>	Solidão .....	120
<b>6</b>	Visitantes .....	129
<b>7</b>	A plantação de feijão .....	141
<b>8</b>	A vila .....	151
<b>9</b>	Os lagos .....	157
<b>10</b>	Baker Farm .....	179
<b>11</b>	Leis superiores .....	187
<b>12</b>	Vizinhos brutos .....	198
<b>13</b>	Inauguração .....	210
<b>14</b>	Habitantes anteriores e visitantes de inverno .....	224
<b>15</b>	Animais de inverno .....	236
<b>16</b>	O lago no inverno .....	245
<b>17</b>	Primavera .....	258
<b>18</b>	Conclusão .....	274
	Sobre o dever da desobediência civil .....	288
	Thoreau por Virginia Woolf .....	311



TRECHO ANTECIPADO PARA DESENVOLVIMENTO. VENDA PROIBIDA



1



# Economia Planeta

**Q**uando escrevi estas páginas – ou, na verdade, o grosso delas –, eu vivia sozinho, na mata, a mais de um quilômetro e meio de qualquer vizinho, em uma casa que eu mesmo construí às margens do lago Walden, em Concord, Massachusetts, e ganhava a vida apenas com o trabalho de minhas mãos. Morei lá por dois anos e dois meses. No momento, sou novamente um residente temporário da vida civilizada.

Não importaria tanto meus assuntos à atenção dos leitores se questões muito particulares não tivessem sido levantadas pelos moradores de minha cidade acerca de meu modo de vida, o qual alguns chamariam de impertinente, embora não me pareça nem um pouco impertinente, mas, sim, levando em conta as circunstâncias, muito natural e pertinente. Alguns me perguntaram o que eu tinha para comer; se não me sentia solitário; se não sentia medo; e coisas do gênero. Outros ficaram curiosos para saber

que parte de meus ganhos eu devoto a propósitos de caridade; e alguns, que têm família grande, quantas crianças pobres eu sustentava. Portanto, peço aos leitores que não têm interesse particular em mim que me perdoem se eu me encarregar de responder a algumas dessas questões neste livro. Na maioria dos livros, o eu, ou a primeira pessoa, é omitido; aqui, será mantido; isso, no que diz respeito ao egotismo, é a principal diferença. Não deveria falar tanto sobre mim mesmo se houvesse alguém mais que eu conhecesse tão bem. Infelizmente estou confinado a esse tema pela estreiteza de minha experiência. Além do mais, eu, de minha parte, exijo de cada autor, primeiro ou último, uma narrativa simples e sincera de sua própria vida, não apenas o que ele ouviu sobre outros homens; narrativas que parecem destinadas a parentes de uma terra distante; pois, se foi vivida com sinceridade, deve ter sido em uma terra distante daqui. Talvez estas páginas sejam endereçadas mais particularmente a estudantes pobres. Quanto ao resto de meus leitores, tomarão tais porções conforme as ofereço. Confio que ninguém vai esgarçar os pontos ao colocar o casaco, pois ele pode prestar um bom serviço a quem serve.

Ficaria feliz em dizer algo não tanto sobre chineses e nativos das ilhas Sandwich quanto sobre você, que lê estas páginas e deve viver na Nova Inglaterra; algo sobre sua condição, especialmente sobre sua condição ou sobre circunstâncias exteriores neste mundo, nesta cidade, quer dizer, se for necessário que seja tão ruim como é, se isso pode ser melhorado ou não. Andei bastante por Concord, e, por todos os lugares, em lojas, escritórios e campos, os habitantes me pareceram cumprir penitência de mil maneiras extraordinárias. O que ouvi sobre os brâmanes sentados expostos a quatro fogos olhando diretamente para a face do sol; ou suspensos, de cabeça para baixo, sobre chamas; ou olhando para os céus sobre os ombros “até que se torne impossível para eles retornar à posição inicial, enquanto, pela torção do pescoço, nada além de líquido passa para o estômago”; ou vivendo, acorrentados por toda a vida, ao pé de uma árvore; ou medindo com o corpo, como uma taturana, a largura de vastos impérios; ou de pé sobre uma perna no topo de pilares – nem mesmo essas formas de penitência consciente são muito mais incríveis e surpreendentes que as cenas que vejo diariamente. Os doze trabalhos de Hércules foram ninharia em comparação com os feitos por meus vizinhos; pois eram apenas doze – e



tiveram um fim; mas jamais pude ver um monstro capturado ou morto ou um trabalho terminado por esses homens. Eles não têm um amigo Iolau para queimar a raiz da cabeça da hidra com ferro quente, mas, assim que uma cabeça é esmagada, duas brotam.

Vejo homens jovens, cidadãos de minha cidade, cujo infortúnio é ter herdado fazendas, casas, celeiros, gado e ferramentas de agricultura – pois é mais fácil adquirir essas coisas que se livrar delas. Seria melhor que tivessem nascido no pasto aberto e sido amamentados por uma loba, para que pudessem ver com mais clareza o campo ao qual eram chamados a labutar. Quem os tornou servos do solo? Por que deveriam comer seus sessenta acres, quando o homem é condenado a comer apenas seu bocado de terra? Por que deveriam passar a cavar sua cova assim que nascem? Precisam levar a vida de um homem, empurrando todas essas coisas diante deles, e seguir o melhor que podem. Quantas pobres almas imortais encontrei quase esmagadas e sufocadas sob suas cargas, arrastando-se pela estrada da vida, empurrando um celeiro de vinte e três metros por doze, seus estábulos de Áugias jamais limpos, e cem acres de terra, lavoura, ceifa, pasto e madeira! Os que não recebem dote, que não lutam com tais encargos desnecessários herdados, acham que é trabalho suficiente subjugar e cultivar poucos decímetros cúbicos de carne.

Mas os homens trabalham enganados. A melhor parte do homem logo é lavrada no solo como adubo. Por um aparente destino, comumente chamado de necessidade, são empregados, como diz um velho livro, guardando tesouros que traças e ferrugem corrompem e ladrões invadem para roubar. É a vida de um tolo, como descobrirão ao chegar no fim dela, se não antes. Diz-se que Deucalião e Pirra criaram os homens jogando pedras sobre a cabeça, para trás deles:

*Inde genus durum sumus, experiensque laborum,  
Et documenta damus qua simus origine nati.*

Ou como Raleigh rima de seu jeito sonoro:

“Assim é insensível nossa espécie, suporta dor e preocupação,  
Comprovando que nossos corpos de natureza pétrea são.”



Tudo por uma obediência cega a um oráculo errôneo, jogando pedras sobre as cabeças para trás deles, sem ver onde caíram.

A maioria dos homens, mesmo neste país comparativamente livre, por mera ignorância e engano, está tão ocupada com falsas preocupações e trabalhos da vida desnecessariamente brutos que não podem colher seus melhores frutos. Seus dedos, graças ao excesso de labuta, são desajeitados e trêmulos demais para isso. Na verdade, o homem trabalhador não tem tempo livre para uma verdadeira integridade no dia a dia; ele não consegue sustentar as relações mais viris com os homens; seu trabalho seria depreciado no mercado. Ele não tem tempo para ser nada além de uma máquina. Como pode se lembrar bem de sua ignorância – o que seu crescimento exige –, quem precisa usar seu conhecimento com tanta frequência? Deveríamos alimentá-lo e vesti-lo de graças às vezes e revigorá-lo com nossos fortificantes antes de julgá-lo. As melhores qualidades de nossa natureza, como as flores e os frutos, podem ser preservadas apenas com o manuseio mais delicado. No entanto, não nos tratamos uns aos outros com tanto carinho.

Alguns de vocês, todos sabemos, são pobres, acham difícil viver, como se lutassem para respirar. Não duvido que certos leitores deste livro não tenham condições de pagar por todos os jantares que de fato comeram, ou pelos casacos e os sapatos que estão se desgastando rapidamente ou já estão gastos, e vieram a esta página em tempo pilhado, roubando uma hora de seus credores. A vida medíocre e furtiva que muitos de vocês levam é bastante evidente, pois minha visão já foi aguçada pela experiência; sempre dentro dos limites, tentando começar um negócio ou tentando sair da dívida, um atoleiro muito antigo, chamado pelos latinos de *aes alienum*, cobre alheio, pois algumas das moedas deles eram feitas de cobre; ainda vivos, e morrendo e enterrados por esse cobre alheio; sempre prometendo pagar, prometendo pagar, amanhã, e morrendo hoje, insolventes; buscando cair nas graças, conseguir clientela, de tantos modos, apenas não ofensas que deem cadeia; mentir, bajular, votar, contraindo-se em uma casca de civilidade ou dilatando-se numa atmosfera de generosidade fina e vaporosa para persuadir o vizinho a fazer os sapatos dele, ou o chapéu, ou o casaco, ou a carruagem, ou importar para ele seus mantimentos; fazendo com que fiquem doentes para que possa acumular alguma coisa para um

dia de doença, algo a ser guardado em uma velha cômoda ou em uma meia atrás do reboco, ou, com mais segurança, dos tijolos de um banco; não importa onde, não importa quanto ou quão pouco.

Às vezes, admira-me que possamos ser tão frívolos, devo dizer, a ponto de seguir a forma bruta, porém um tanto adventícia, de servidão chamada Escravidão dos Negros, há tantos senhores sutis e interessados que escravizam tanto o Norte quanto o Sul. É difícil ter um capataz sulista, ainda pior ter um nortista, mas o pior de tudo é quando você é o próprio feitor. Fale de uma divindade no homem! Veja o carroceiro na estrada, seguindo para o mercado de dia ou à noite... alguma divindade se agita nele? Sua maior obrigação é dar forragem e água a seus cavalos! Qual é o destino dele comparado com o rendimento da carga? Ele não dirige para o senhor Faz-um-reboliço? Quanto ele é como deus, imortal? Veja como ele se acua e se esgueira, como passa o dia vagamente amedrontado, não sendo imortal nem divino, mas escravo e prisioneiro de sua própria opinião sobre si mesmo, uma fama alcançada por meio de seus próprios feitos. A opinião pública é um tirano fraco comparado com nossa própria opinião privada. O que um homem pensa de si mesmo, isso é o que determina, ou ao menos indica, seu destino. A libertação de si mesmo até nas províncias das Índias Ocidentais da fantasia e da imaginação – que Wilberforce está aqui para conseguir isso? Pense, também, nas senhoras da terra tecendo almofadas para a privada, contra o último dia, para não demonstrar um interesse muito vívido em seus destinos! Como se fosse possível matar o tempo sem ferir a eternidade.

A massa de homens leva uma vida de desespero silencioso. O que se considera resignação é desespero confirmado. Da cidade desesperada se vai ao campo desesperado, e é preciso se consolar com a bravura das martas e dos ratos-almiscarados. Um desespero estereotipado, mas inconsciente, se esconde até mesmo sob o que se chama de jogos e diversões da humanidade. Não há divertimento neles, pois vêm depois do trabalho. Mas uma característica da sabedoria é não fazer coisas desesperadas.

Quando consideramos qual, para usar as palavras do catecismo, é a finalidade principal do homem e quais são as verdadeiras necessidades e os meios de vida, parece que ele escolheu deliberadamente o modo comum de viver porque o prefere. Ainda assim, acredita com sinceridade que não há

escolha. Mas as naturezas alertas e saudáveis recordam que o sol nasceu claro. Nunca é tarde demais para deixar seus preconceitos. Nenhum modo de pensar, não importa quão antigo, deve receber confiança sem prova. O que todos ecoam ou que em silêncio passa como verdade hoje pode se mostrar errado amanhã, mera bruma de opinião, que alguns acreditaram ser uma nuvem que borrifaria chuva fertilizante em seus campos. O que os velhos dizem que não se pode fazer, você experimenta e descobre que pode. Velhos atos para os velhos, e novos atos para os novos. Os velhos não souberam o suficiente um dia, talvez, para pegar combustível novo a fim de manter o fogo aceso; os jovens colocam um pouco de madeira seca numa caldeira e rodopiam pelo mundo com a velocidade dos pássaros, de modo a matar os velhos, como se diz. A idade não é mais qualificada como instrutora que a juventude, raramente é tão boa quanto, pois não lucrou tanto quanto perdeu. É quase possível duvidar de que o homem mais sábio aprendeu qualquer coisa de valor absoluto por viver. Na prática, os velhos não têm conselhos tão importantes para dar aos jovens, suas próprias experiências foram tão parciais, e suas vidas foram fracassos tão miseráveis, por motivos privados, como devem acreditar; e pode ser que tenha restado neles alguma fé que contradiga aquela experiência e que sejam apenas menos jovens do que eram. Vivi uns trinta anos neste planeta e ainda não ouvi a primeira sílaba de um conselho valioso, ou ao menos sincero, dos mais velhos. Eles não me disseram nada e provavelmente não podem me dizer nada a respeito. Aqui está a vida, um experimento em grande parte não experimentado por mim; mas não é vantagem para mim que eles tenham experimentado. Se conto com uma experiência que acredito ter valor, tenho certeza de refletir que meus Mentores nada disseram sobre aquilo.

Um agricultor me disse: “Você não pode viver apenas de comida vegetal, pois ela não fornece nada para os ossos”; e assim ele devota religiosamente parte de seu dia a suprir seu sistema de material bruto para ossos; enquanto falava, caminhava o tempo todo atrás de seus bois, que, com ossos feitos de vegetal, puxam o homem e seu arado pesado apesar de cada obstáculo. Algumas coisas são realmente necessidades da vida em alguns círculos, os mais desamparados e doentes; em outros são apenas luxo; e em outros, ainda, são totalmente desconhecidos.



Para alguns, todo o chão da vida humana parece ter sido trilhado por seus antecessores, tanto nas montanhas quanto nos vales, e todas as coisas já foram cuidadas. De acordo com Evelyn, “o sábio Salomão prescreveu regulamentação para a própria distância das árvores; e os pretores romanos decidiram quantas vezes se podia ir à terra do vizinho pegar as bolotas caídas sem invadir a propriedade alheia e que quinhão pertencia àquele vizinho”. Hipócrates até mesmo deixou instruções de como devemos cortar as unhas; isso é, seguindo a ponta dos dedos, nem mais curtas, nem mais longas. Sem dúvidas o próprio tédio e *ennui* que supõem ter esgotado as variedades e as alegrias da vida são tão velhos quanto Adão. Mas as capacidades do homem jamais foram medidas; nem devemos julgar o que ele pode fazer por precedentes, tão pouco foi tentado. Sejam quais forem tuas falhas até aqui, “não se aflija, minha criança, pois quem te encarregarás do que deixaste de fazer?”.

Podemos testar nossa vida com mil testes simples; por exemplo, que o mesmo sol que madura meus feijões ilumina de uma só vez um sistema de terras como a nossa. Se tivesse me lembrado disso, evitaria alguns enganos. Esta não foi a luz sob a qual os carpi. As estrelas são o topo de triângulos maravilhosos! Que seres distantes e diferentes nas várias mansões do Universo estão contemplando a mesma estrela no mesmo momento? A natureza e a vida humana são tão variadas quanto nossas diferentes constituições. Quem dirá quais perspectivas a vida oferece a outro? Haveria milagre maior que nos olharmos nos olhos por um instante? Viveríamos em todas as eras do mundo em uma hora; sim, em todos os mundos das eras. História, Poesia, Mitologia! Não conheço leitura da experiência de outro tão surpreendente e informativa quanto essa seria.

A maior parte do que meus vizinhos chamam de bom acredito de alma que seja ruim, e, se me arrependo de algo, é bem provável que seja de meu bom comportamento. Que diabos me possuíram para que eu me comportasse tão bem? Pode dizer a coisa mais sábia que puder, velho – você, que viveu setenta anos, não sem um tipo de honra –, eu ouço uma voz irresistível que me convida a me afastar de tudo isso. Uma geração abandona as empreitadas de outra como navios encalhados.

Creio que podemos, com segurança, ser bem mais confiantes do que somos. Poderíamos renunciar a todo esse cuidado que dispensamos a nós

mesmos, assim como destiná-lo honestamente a outro lugar. A natureza está bem adaptada a nossas fraquezas, assim como a nossa força. A ansiedade e a tensão incessantes de alguns são um tipo de doença quase incurável. Somos levados a exagerar a importância do trabalho que fazemos; no entanto, quantas coisas não são feitas por nós! Ou: e se tivéssemos adoecido? Como somos vigilantes! Determinados a não viver da fé se pudermos evitar; alertas todo o dia, à noite dizemos sem vontade nossas preces e nos dedicamos a incertezas. Somos impelidos a viver de modo tão total e sincero, reverenciando nossa vida e negando a possibilidade de mudança. Este é o único jeito, dizemos; mas há tantos jeitos quanto é possível desenhar um raio partindo de um centro. Toda mudança é um milagre a ser contemplado; mas é um milagre que ocorre a todo instante. Confúcio disse: “Saber que sabemos o que sabemos e que não sabemos o que não sabemos, isso é conhecimento verdadeiro”. Quando um homem reduz um fato da imaginação a um fato de seu entendimento, prevejo que todos os homens, com o tempo, estabelecerão sua vida com essa base.

Consideremos por um momento os motivos da maior parte dos problemas e das ansiedades a que me referi, e quanto é necessário que tenhamos problemas – ou, ao menos, cautela. Geraria alguma vantagem levar uma vida primitiva e fronteiriça, embora em meio a uma civilização externa, apenas para descobrir quais são as necessidades totais da vida e quais métodos foram seguidos para obtê-las; ou mesmo olhar as velhas agendas dos mercadores para ver o que os homens mais compravam nas lojas, que comidas armazenavam, ou seja, os mantimentos mais gerais. Pois as melhoras dos tempos tiveram pouca influência nas leis essenciais da existência do homem; assim como nosso esqueleto, provavelmente, não é diferenciado do de nossos ancestrais.

Com a expressão *necessidades da vida*, refiro-me a qualquer coisa obtida pelo homem por seu próprio esforço que foi desde o começo, ou se transformou por um longo uso, tão importante para a vida humana que poucos – se é que alguém – tentam passar sem ela, seja por selvageria, seja por pobreza, seja por filosofia. Para muitas criaturas, nesse sentido existe apenas uma necessidade na vida, Alimento. Para o bisão na pradaria, são poucos centímetros de grama palatável, com água para beber; a não ser que ele busque Abrigo na floresta ou na sombra da montanha. Nenhuma

criação bruta exige mais que Alimento e Abrigo. As necessidades da vida para o homem neste clima podem, de modo suficientemente preciso, ser distribuídas sob as rubricas Alimento, Abrigo, Vestes e Combustível; pois, até que tenhamos garantido esses itens, não estamos preparados para lidar com os verdadeiros problemas da vida com liberdade e perspectiva de sucesso. O homem inventou não apenas casas, mas também roupas e alimentos cozidos; e possivelmente da descoberta acidental do calor do fogo, e de seu conseqüente uso, no começo um luxo, surgiu a presente necessidade de sentar-se ao redor dele. Observamos gatos e cachorros adquirindo a mesma segunda natureza. Com Abrigo e Vestes apropriados, preservamos legitimamente nosso calor interno; mas com excesso desses, ou de Combustível, ou seja, um calor externo maior que o nosso interno, pode-se dizer que começa o cozimento propriamente? Darwin, o naturalista, diz a respeito dos habitantes da Tierra del Fuego que, enquanto seu próprio grupo, todos bem-vestidos e sentados perto de uma fogueira, estava longe de ficar com calor, aqueles selvagens nus, que se encontravam mais longe, eram vistos, para sua grande surpresa, “soltando vapor de suor ao enfrentarem tal calor”. Então, somos informados, o habitante da Nova Holanda fica nu impunemente, enquanto o europeu tiritia dentro das roupas. É impossível combinar a resistência daqueles selvagens com a intelectualidade do homem civilizado? De acordo com Liebig, o corpo do homem é uma fornalha, e a comida, o combustível que mantém a combustão interna nos pulmões. No frio, comemos mais; no calor, menos. O calor animal é resultado de uma lenta combustão, e a doença e a morte ocorrem quando é rápida demais; por necessidade de combustível ou por algum defeito na ventilação, o fogo se apaga. É claro que o calor vital não pode ser confundido com fogo; é tudo uma analogia. Ao que parece, então, da lista citada, a expressão *vida animal* é quase um sinônimo da expressão *calor animal*; pois enquanto o Alimento pode ser considerado o Combustível que mantém vivo o fogo dentro de nós – e Combustível serve apenas para preparar aquele Alimento ou aumentar o calor em nosso corpo com adição de fora –, Abrigo e Vestes também servem apenas para manter o *calor* assim gerado e absorvido.

A grande necessidade, então, para nosso corpo, é se manter aquecido, manter o calor vital dentro de nós. A que esforços nos prestamos de acordo



com isso, não apenas a respeito de nosso Alimento e Vestes e Abrigo, mas de nossa cama, que são nossa veste noturna, roubando ninhos e a plumagem dos peitos das aves para preparar esse abrigo dentro do abrigo, como a toupeira tem sua cama de grama e folhas no fundo de sua toca! O pobre homem costuma reclamar que este mundo é frio; e ao frio, não menos físico que social, remetemos boa parte de nossas aflições. O verão, em alguns climas, permite ao homem um tipo de vida elísia. Combustível, a não ser para cozinhar seu Alimento, é, então, desnecessário; o sol é seu fogo, e muitos dos frutos são cozidos o suficiente por seus raios, enquanto Alimento em geral é mais variado e mais fácil de ser obtido, e Vestes e Abrigo são totalmente ou em parte desnecessários. No presente, neste país, como vejo por experiência própria, uns poucos implementos, uma faca, um machado, uma pá, um carrinho de mão etc. e, para os estudiosos, lamparina, papel de carta e acesso a uns poucos livros, estão ao lado das necessidades e podem todos ser obtidos por uma ninharia. No entanto, alguns, não sábios, vão ao outro lado do globo, para regiões bárbaras e insalubres, e se devotam aos negócios por dez ou vinte anos a fim de que possam viver – isto é, ficarem confortavelmente aquecidos – e, por fim, morrer na Nova Inglaterra. Os ricos luxuosos não são mantidos apenas confortavelmente aquecidos, mas inaturalmente quentes; como sugeri antes, são cozidos, é claro que à moda.

A maior parte dos luxos e muitos dos chamados confortos da vida são não apenas indispensáveis, mas entraves positivos à elevação da humanidade. A respeito dos luxos e dos confortos, os mais sábios sempre levaram uma vida mais simples e frugal que os pobres. Os filósofos ancestrais, chineses, indianos, persas e gregos, formavam a classe mais pobre de todas em riquezas exteriores e a mais rica no interior. Não sabemos muito sobre eles. É marcante que *nós* saibamos sobre eles tanto quanto sabemos. O mesmo se aplica a reformadores e benfeitores mais modernos de suas raças. Ninguém pode ser observador imparcial ou sábio da vida humana se não for do ponto vantajoso do que *nós* chamaremos de pobreza voluntária. De uma vida de luxo, o fruto é luxo, seja na agricultura, no comércio, na literatura, seja na arte. Há hoje professores de filosofia, mas não filósofos. Ainda assim, é admirável professar por que um dia foi admirável viver. Ser filósofo não é meramente ter pensamentos subjetivos nem

mesmo fundar uma escola, mas, sim, amar tanto a sabedoria de modo a viver de acordo com o que ela dita: uma vida de simplicidade, independência, magnanimidade e confiança. É resolver alguns dos problemas da vida não apenas em teoria, mas na prática. O sucesso dos grandes estudiosos e pensadores é, em geral, um sucesso como o do cortesão, não do rei, não do homem. Improvisam para viver apenas pela conformidade, praticamente como seus pais fizeram, e não são de nenhum modo progenitores de uma raça nobre de homens. Mas por que os homens degeneram? O que faz as famílias acabarem? Qual é a natureza do luxo que enfraquece e destrói nações? Temos certeza de que não há nada disso em nossa própria vida? O filósofo está além de sua época mesmo na forma externa de sua vida. Ele não é alimentado, abrigado, vestido, aquecido como seus contemporâneos. Como um homem pode ser um filósofo e não manter seu calor vital com métodos melhores que os dos outros homens?

Quando um homem está aquecido das várias maneiras que descrevi, o que ele quer em seguida? Certamente não mais calor do mesmo tipo, como comida mais farta e rica, casas maiores e mais esplêndidas, roupas mais abundantes e refinadas, fogos mais numerosos, incessantes e mais quentes e coisas do tipo. Quando ele obteve aquelas coisas que são necessárias para a vida, há alternativa além de obter coisas supérfluas; isto é, se aventurar na vida agora, tendo começado as férias do trabalho mais humilde. O solo, ao que parece, é adequado à semente, pois empurrou a radícula para baixo, ao que ela agora bem pode erguer seu broto com confiança. Por que o homem se enraizou assim tão firme na terra, se não para se levantar na mesma proporção aos céus acima? Pois as plantas mais nobres são valorizadas pelos frutos que por fim seguram no ar e na luz, longe do solo, e não são tratados como os esculentos mais humildes, que, embora possam ser bienais, são cultivados apenas até perfazerem as raízes e com frequência cortados na parte de cima para esse propósito, de modo que a maioria das pessoas não os reconheceria nas floradas.

Não tenho a intenção de prescrever regras a naturezas fortes e valentes, que vão cuidar de seus próprios assuntos, seja no céu, seja no inferno, e talvez construir coisas mais magníficas e gastar de modo mais extravagante que os mais ricos, sem jamais empobrecerem a si mesmos, sem saber como eles vivem – se, de fato, há algo assim, como foi sonhado; nem

para os que encontram encorajamento e inspiração precisamente na presente condição das coisas e as celebram com o afeto e o entusiasmo dos amantes – e, até certo ponto, me reconheço entre eles; não falo daqueles bem empregados, em quaisquer circunstâncias, e eles sabem se são bem empregados ou não –, mas em especial para a massa de homens descontentes, reclamando indolentemente da dureza de seu quinhão ou dos tempos, quando poderiam melhorá-los. Há alguns que reclamam de forma mais energética e inconsolável que todos, porque estão, como dizem, cumprindo seu dever. Também tenho em mente aquela classe aparentemente rica, mas a mais empobrecida de todas, que acumulou entulhos, mas não sabe como usá-los nem como se livrar deles e, assim, forjou seus próprios grilhões de ouro ou prata.

Se eu tentasse contar como quis passar minha vida no passado, provavelmente surpreenderia os leitores que de algum modo conhecem essa história verdadeira; certamente espantaria aqueles que não sabem nada sobre ela. Apenas aludirei a alguns dos empreendimentos que cultivei.

Em qualquer condição climática, a qualquer hora do dia ou da noite, estive ansioso para melhorar o tempo e entalhá-lo em meu cajado também; ficar no encontro de duas eternidades, o passado e o futuro, que é precisamente o momento presente; colocar o pé naquela linha. Perdoem algumas obscuridades, pois há mais segredos no meu ramo que no da maioria dos homens, e ainda assim não mantidos voluntariamente, mas são inseparáveis de sua própria natureza. Ficaria feliz em contar tudo o que sei sobre isso e jamais pintar “Entrada proibida” sobre meu portão.

Há muito tempo, perdi um cão de caça, um cavalo baio e um pombo – e ainda sigo a trilha deles. Muitos são os viajantes com quem conversei a respeito deles, descrevendo seus rastros e a que chamados respondiam. Encontrei um ou dois que ouviram o cão, e o galope do cavalo, e até viram o pombo desaparecer atrás de uma árvore; e pareciam tão ansiosos para recuperá-los como se eles próprios os tivessem perdido.

Antecipar não o amanhecer e o pôr do sol apenas, mas, se possível, a própria Natureza! Quantas manhãs, verão e inverno, antes que qualquer vizinho cuidasse de seus afazeres, estive cuidando dos meus! Sem dúvida, muitos moradores da cidade me encontraram voltando dessa empreitada, agricultores saindo para Boston no lusco-fusco ou lenhadores indo para



o trabalho. É verdade, jamais ajudei o sol materialmente em seu levantar, mas, não duvide, era da maior importância apenas estar presente.

Tantos dias de outono, sim, e de inverno passados fora da cidade, tentando ouvir o que estava no vento, ouvir e transmitir o que exprimia! Eu quase afundei todo meu capital nisso – e perdi meu próprio fôlego na barganha, correndo na frente dele. Se dissesse respeito a qualquer um dos partidos políticos, dependesse deles, teria aparecido na *Gazette* com a primeira notícia. Outras vezes, olhando de meu observatório em algum penhasco ou árvore, para telegrafar cada nova chegada, ou esperando à noite no topo das colinas que o céu caísse para que eu pudesse apanhar algo, embora jamais tenha apanhado muito e aquilo, como o maná, se dissolveria de novo sob o sol.

Por longo tempo, fui repórter de um jornal de circulação não muito grande, cujo editor jamais achou por bem imprimir o grosso de minhas contribuições, e, como é bem comum com escritores, apenas tive o trabalho como pagamento por meus esforços. No entanto, nesse caso, meus esforços eram sua própria recompensa.

Por muitos anos, eu me autoneeei inspetor de tempestades e nevascas e cumpri meu dever com rigor; supervisor, se não das estradas, então de caminhos na floresta e rotas entre lotes, mantendo-os abertos, e pontes sobre as ravinas, transitáveis em todas as estações, onde os calcanhares públicos testemunharam sua utilidade.

Cuidei dos animais selvagens da cidade, que dão a um pastor fiel muitos problemas ao pular cercas, e fiquei de olho nos cantos não frequentados da fazenda; embora não soubesse sempre se Jonas ou Salomão trabalhavam em um campo em particular naquele dia, aquilo não era de minha alçada. Aguei o mirtilo-vermelho, a ameixeira-silvestre e o lodoeiro, o pinheiro-vermelho e o freixo-negro, a uva-branca e a violeta amarela, que de outra maneira teriam murchado na estação seca.

Resumindo, segui assim por um longo tempo (posso dizer isso sem contar vantagem), cuidando fielmente de meus negócios, até que ficou cada vez mais evidente que meus concidadãos não me admitiriam, depois de tudo, na lista de funcionários municipais nem transformariam minha posição em uma sinecura de pagamento moderado. Minhas prestações de contas, que posso jurar que mantive fielmente, nunca foram audita-

das, ainda menos aceitas, muito menos pagas e acertadas. No entanto, não me dediquei de alma a isso.

Não muito tempo depois, um indígena andarilho foi vender cestos na casa de um advogado conhecido na vizinhança. “Quer comprar algum cesto?”, perguntou. “Não, não queremos nenhum”, foi a resposta. “O quê?! Quer nos matar de fome?!”, exclamou o indígena ao sair pelo portão. Vendo seu industrioso vizinho branco tão bem de vida – que o advogado apenas precisava tecer argumentos, e, por algum tipo de mágica, seguiam-se riqueza e posição –, ele disse a si mesmo: vou entrar no negócio, vou tecer cestos, isso é algo que posso fazer. Pensava que, ao fazer os cestos, teria cumprido sua parte, e então seria a vez de o homem branco comprá-los. Ele não tinha descoberto que era necessário fazer valer a pena para que o outro os comprasse – ou ao menos fazê-lo pensar que valia a pena, ou fazer alguma outra coisa que valesse a pena comprar. Eu também tinha tecido cestos de um tipo de textura delicada, mas não fiz com que valesse a pena comprá-los. Ainda assim, no meu caso, achei que valia a pena tecê-los e, em vez de estudar como fazer valer a pena para que outros o comprassem, estudei como evitar a necessidade de vendê-los. A vida que os homens louvam e consideram um sucesso é apenas de um tipo. Por que deveríamos exagerar qualquer tipo à custa dos outros?

Vendo que os cidadãos de minha cidade não me ofereceriam nenhuma sala no tribunal nem qualquer sinecura ou vicariato, tampouco qualquer outro local para viver, mas que deveria me mexer sozinho, eu me volvei mais exclusivamente que antes para a mata, onde era mais conhecido. Decidi entrar de vez no negócio e não esperar para conseguir o capital de costume, usando os poucos meios de que já dispunha. Meu propósito ao ir para o lago Walden não era viver ali de modo barato nem dispendioso, mas cuidar de negócios privados com menos obstáculos; ser impedido de obtê-los por falta de um pouco de bom senso, um pouco de empreendedurismo e talento para negócios me parecia mais tolo que triste.

Sempre me empenhei em adquirir hábitos rígidos de negócios; são indispensáveis a qualquer homem. Se seu negócio é com o Império Celestial, então um pequeno escritório de contabilidade na costa, em algum porto de Salem, já seria suficiente. Exportará artigos que o país oferece, produtos totalmente nativos, muito gelo, madeira de pinho e um

pouco de granito, sempre em navios nacionais. Serão bons empreendimentos. Supervisionar todos os detalhes em pessoa; ser ao mesmo tempo piloto e capitão, proprietário e agente de seguros; comprar, vender e fazer a contabilidade; ler cada carta recebida e escrever ou ler cada carta enviada; supervisionar a descarga das importações noite e dia; estar em muitas partes da costa quase ao mesmo tempo – com frequência a carga mais rica será descarregada em uma costa de Jersey; ser seu próprio telégrafo, incansavelmente varrendo o horizonte, falando com todos os navios que vão para a costa; manter um envio contínuo de mercadorias para suprir um mercado tão distante e exorbitante; manter-se informado do estado dos mercados, perspectivas de guerra e paz em todos os lugares e antecipar as tendências de mercado e civilização – tirando vantagem dos resultados de todas as expedições de exploração, usando novas passagens e todas as melhorias em navegação; mapas a serem estudados, a posição dos recifes e novas luzes e boias a ser averiguadas, e sempre, e sempre, as tabelas logarítmicas a ser corrigidas, pois, por causa do erro de algum calculador, os navios frequentemente se arrebentam em um rochedo quando deveriam ter chegado a um cais acolhedor – como o destino não dito de Pérouse; a ciência universal a ser acompanhada, estudando a vida de todos os grandes descobridores e navegadores, grandes aventureiros e mercadores, desde Hanão e os fenícios até nossos dias; na contabilidade acurada do estoque, a ser feita de tempos em tempos para saber a situação. É um trabalho que emprega as faculdades de um homem – problemas de lucro e perdas, juros, tara e avaria e aferições de todos os tipos, que exigem um conhecimento universal.

Imaginei que o lago Walden seria um bom lugar para negócios não apenas por causa da ferrovia e do comércio de gelo, mas por oferecer vantagens que pode não ser boa política divulgar; é um bom porto e uma boa fundação. Não há nenhum pântano do Neva que precise ser aterrado, embora seja necessário construir em vigas que você mesmo precisará colocar. Diz-se que uma maré cheia, com um vento do oeste e gelo no Neva, varreria São Petersburgo da face da Terra.

Como o negócio deveria ser iniciado sem o capital comum, pode não ser fácil conjecturar de onde os meios que ainda são indispensáveis para empreitadas do tipo poderiam ser obtidos. Quanto às Vestes, para ir logo à



parte prática da questão, talvez sejamos levados com frequência mais pelo amor à novidade e por dar importância à opinião dos homens ao buscá-las que por uma verdadeira utilidade. Que aquele que tem trabalho a fazer se recorde de que o objetivo das vestes é, em primeiro lugar, reter o calor vital e, em segundo, neste estado da sociedade, cobrir a nudez, e julgue quanto de qualquer trabalho necessário ou importante pode ser feito sem aumentar seu guarda-roupa. Reis e rainhas que vestem roupas apenas uma vez, embora feitas por algum alfaiate ou modista para suas majestades, não conhecem o conforto de usar um traje que serve. Não são melhores que cavaletes de pau para pendurar roupas. A cada dia nossas vestes se assimilam mais a nós, recebendo a impressão do caráter de quem a usa, até que hesitamos em deixá-las de lado sem o atraso, aparato médico e até algo da solenidade que dedicamos ao nosso corpo. Nenhum homem jamais caiu em minha estima por ter remendo na roupa; porém, estou certo de que há mais preocupação, normalmente, em ter roupas da moda, ou ao menos limpas e sem remendos, que ter uma consciência limpa. No entanto, mesmo se o rasgado não é remendado, talvez o pior vício demonstrado seja a imprevidência. Às vezes, testo meus conhecidos assim: quem usaria um remendo, ou só duas costuras a mais, no joelho? A maioria se comporta como se acreditasse que suas perspectivas de vida seriam arruinadas se o fizessem. Seria mais fácil para eles pular até a cidade com a perna quebrada que com a calça rasgada. Se acontece um acidente com a perna de um cavaleiro, com frequência ela pode ser consertada; porém, se um acidente similar acontece com a perna de sua calça, não há conserto; pois ele não considera o que é de fato respeitável, e sim o que é respeitado. Conhecemos poucos homens, mas muitos casacos e calças. Vista um espantalho com sua última camisa, ficando sem camisa ao lado, e quem não saudaria logo o primeiro? Passando por um milharal noutro dia, perto de um chapéu e um casaco em uma estaca, reconheci o proprietário da fazenda. Estava apenas um pouco mais desgastado pelo tempo que da última vez que o vira. Ouvi falar sobre um cão que latia para cada estranho que se aproximava da propriedade de seu dono usando roupas, mas era facilmente aquietado por um ladrão nu. É interessante saber quanto de sua posição relativa os homens manteriam se fossem despojados de suas roupas. Você conseguiria, se fosse o caso, distinguir em um

grupo de homens civilizados quais pertenciam à classe mais respeitada? Quando madame Pfeiffer, em suas viagens cheias de aventura em torno do mundo, de leste a oeste, chegou tão perto de casa quanto a Rússia asiática, diz que sentiu necessidade de usar outras roupas que não um vestido de viagem quando foi encontrar as autoridades, pois “agora estava em um país civilizado, onde [...] as pessoas são julgadas pelas roupas”. Mesmo em nossas cidades democráticas da Nova Inglaterra, a posse acidental de riqueza e sua manifestação apenas em vestes e equipamentos dão a quem as possui respeito quase universal. Mas os que rendem tal respeito, numerosos como são, não passam de pagãos e precisam que lhes enviem um missionário. Além do mais, as roupas introduziram a costura, o tipo de trabalho que se pode chamar de infinito; o vestido de uma mulher, ao menos, jamais está pronto.

Um homem que por fim encontrou algo para fazer não precisará de um novo terno para usar; para ele, servirá o velho, o que ficou empoeirado no sótão por período indeterminado. Sapatos velhos servirão a um herói por mais tempo do que serviram a seu pajem – se é que um herói sempre tem um pajem –, pés descalços são mais velhos que qualquer sapato e lhe servirão. Apenas os que vão a *soirées* e bailes legislativos precisam de novos casacos, casacos para trocar tantas vezes quanto o homem muda enquanto os veste. Contudo, se meu paletó e minha calça, meu chapéu e meus sapatos servem para adorar a Deus, eles servirão, não servirão? Quem já viu suas roupas velhas... seu velho casaco gasto, desintegrado em seus elementos primitivos, de modo que não seria um ato de caridade dá-lo a algum rapaz pobre, por ele talvez doá-lo a alguém ainda mais pobre, ou devemos dizer mais rico, que poderia passar com menos? Eu digo: cuidado com todas as empreitadas que exigem roupas novas, não um novo usuário delas. Se não há um novo homem, como as novas roupas podem servir? Se você tem alguma empreitada diante de si, tente fazê-la usando suas velhas roupas. Nem todos os homens querem algo *com o que fazer* alguma coisa, mas *fazer* alguma coisa, ou melhor, *ser* alguma coisa. Talvez não devêssemos nunca buscar um novo terno – por mais rasgado e sujo que esteja o velho –, até que tenhamos conduzido, empreendido ou navegado de algum jeito, de modo que nos sentíssemos novos homens nas roupas antigas e que mantê-las seria como guardar vinho novo em

garrafas velhas. Nossa estação de muda, como a das aves, deve ser uma crise em nossa vida. A mobelha se recolhe em lagos solitários nessa fase. Do mesmo modo, a cobra se desfaz de sua pele, e a lagarta, de seu casaco verminoso, por diligência interna e expansão; pois as roupas são nossa película mais externa e nossa espiral mortal. De outro modo, seríamos vistos navegando com bandeiras falsas e inevitavelmente expulsos, por fim, por nossa própria opinião, assim como a da humanidade.

Vestimos roupas sobre roupas, como se crescêssemos, tal qual plantas exógenas, por adição externa. Nosso exterior e roupas frequentemente finas e extravagantes são nossa epiderme, ou pele falsa, que não partilha de nossa vida e pode ser retirada aqui e ali sem ferimento fatal; nossas vestes mais grossas, usadas constantemente, são nosso tegumento celular, ou córtex; por sua vez, nossas camisas são nosso líber, ou casca verdadeira, que não pode ser removida sem cingir e, assim, destruir o homem. Creio que todas as raças, em alguma estação, usam algo equivalente à camisa. É desejável que um homem esteja vestido de modo tão simples que possa colocar as mãos em si mesmo no escuro e que ele viva em todos os respeitos de modo tão compacto e preparado que, se um inimigo tomar a cidade, ele possa, como o velho filósofo, sair pelo portão de mãos vazias sem ansiedade. Enquanto uma veste grossa é, para a maioria dos propósitos, tão boa quanto três finas, e vestes baratas podem ser obtidas por preços que de fato agradam ao cliente; enquanto um casaco grosso pode ser comprado por cinco dólares e durará o mesmo número de anos; calças grossas, por dois dólares; botas de couro de vaca, por um dólar e meio o par; um chapéu de verão, por um quarto de dólar; e um gorro de inverno, por sessenta e dois centavos e meio – ou, melhor, feito em casa por um custo nominal –, onde há alguém tão pobre que, vestido com tais vestes, *pagas com seus próprios ganhos*, não encontrará homens sábios que o reverenciem?

Quando peço uma roupa de uma forma particular, minha costureira me diz com seriedade: “Não fazem desse jeito agora”, sem mencionar o “eles”, como se falasse de uma autoridade tão impessoal quanto as Moiras. E acho difícil conseguir que faça o que quero, simplesmente porque ela não acredita que estou falando sério, que seja tão estouvado. Quando ouço essa frase oracular, por um minuto fico absorto em

pensamento, enfatizando a mim mesmo cada palavra separadamente para que possa chegar ao significado delas, para que possa descobrir por que grau de consanguinidade *eles* são *meus* parentes e que autoridade podem ter em uma questão que me afeta de modo tão íntimo; por fim, fico inclinado a responder a ela com igual mistério e sem nenhuma ênfase a mais no “eles”: “É verdade, eles não faziam desse modo recentemente, mas agora fazem”. Qual a serventia de me medir assim, se ela não mede meu caráter, mas apenas a largura de meus ombros, como se fosse um gancho para pendurar o casaco? Não adoramos as Graças nem as Parcas, mas a Moda. Ela fia e tece e corta com total autoridade. O macaco chefe em Paris coloca um chapéu de viajante, e todos os macacos na América fazem o mesmo. Às vezes perco as esperanças de conseguir qualquer coisa bem simples e feita de modo honesto neste mundo com a ajuda do homem. Eles teriam de passar por uma prensa poderosa antes, para espremer deles suas velhas noções, de modo que não ficariam de pé novamente com rapidez; então haveria alguém no grupo com um verme na cabeça, nascido de um ovo depositado ali ninguém sabe quando, pois nem mesmo o fogo mata essas coisas, e pode ter perdido seu trabalho. De qualquer modo, não nos esqueçamos de que um pouco de trigo egípcio nos foi dado por uma múmia.

No geral, creio que não se pode dizer que se vestir elevou-se à dignidade de uma arte neste ou em qualquer outro país. No momento, homens se viram para usar o que conseguem. Como marinheiros náufragos, vestem o que encontram na praia e a alguma distância, seja de espaço, seja de tempo, riem dos disfarces um dos outros. Cada geração ri das velhas modas, mas segue religiosamente as novas. Nós nos divertimos ao contemplar as vestes de Henrique VIII, ou da rainha Elizabeth, tanto quanto se fossem do rei e da rainha das Ilhas Canibais. Todas as roupas fora do corpo de um homem são deploráveis ou grotescas. Apenas o olho sério mirando dali ou a vida sincera passada dentro dela refreiam o riso e consagram as vestes de qualquer pessoa. Se o Arlequim tiver um acesso de cólicas, seus adornos terão de servir àquela disposição também. Quando o soldado é atingido por uma bala de canhão, trapos lhe caem tão bem quanto púrpura.

O gosto infantil e selvagem de homens e mulheres por novas estampas mantém sabe-se quantas pessoas chacoalhando e olhando calei-

doscópios para descobrir a figura em particular que esta geração exige hoje. Os fabricantes sabem que esse gosto é meramente extravagante. De duas estampas que diferem em apenas poucos fios de uma cor distinta, uma será vendida de imediato, a outra fica em uma prateleira, embora com frequência aconteça que, depois de uma estação, a última entre na moda. Em termos comparativos, a tatuagem não é o hábito horrível que consideram. Não é bárbaro meramente porque a impressão é epidérmica e inalterável.

Não creio que nosso sistema fabril seja o melhor modo pelo qual os homens podem conseguir roupas. As condições dos operários se tornam a cada dia mais parecidas com as dos ingleses; e não é de admirar, já que, até onde ouvi ou observei, o principal objetivo não é que a humanidade esteja bem-vestida e de modo honesto, mas sim, inquestionavelmente, que as corporações possam enriquecer. No longo prazo, os homens atingem apenas o que almejam. Assim, embora logo fossem fracassar, é melhor almejar alto.

Quanto a um Abrigo, não nego que agora seja uma necessidade da vida, embora existam casos de homens passando sem ele por longos períodos em países mais frios que este. Samuel Laing diz que “o lapão, em suas vestes de pele e com uma sacola de pele que coloca sobre a cabeça e os ombros, dorme noite após noite na neve [...] em um grau de frio que extinguiria a vida de alguém exposto a ele em roupas de lã”. Ele os viu dormir assim. No entanto, completa: “Eles não são mais resistentes que outros povos”. Mas, provavelmente, o homem não viveu muito tempo na terra sem descobrir a conveniência que há em uma casa, os confortos domésticos, expressão que deve ter originalmente significado mais as satisfações da casa que a da família; embora sejam muito parciais e ocasionais nos climas em que a casa está associada, em nossos pensamentos, em especial com o inverno e a estação das chuvas, sendo desnecessária por dois terços do ano, a não ser como guarda-sol. Em nosso clima, no verão, era antes quase somente uma cobertura à noite. Nas gazetas dos indígenas, a tenda era o símbolo de um dia de marcha, e uma fila delas pintadas na casca de uma árvore significava quantas vezes eles tinham acampado. O homem não foi feito tão robusto e com membros largos a ponto de precisar estreitar seu mundo e murar um espaço de modo que lhe caiba. No



início, era nu e vivia ao ar livre; mas, enquanto isso era agradável em clima quente e sereno, na luz do dia, a estação chuvosa e o inverno, para não falar do sol tórrido, acabariam com sua espécie ainda em broto se ele não tivesse se apressado em se vestir com o abrigo de uma casa. Adão e Eva, de acordo com a fábula, vestiam a pérgula antes de outras roupas. O homem queria um lar, um local de calor, de conforto – primeiro de calor físico, depois do calor das afeições.

Podemos imaginar um tempo em que, na infância da espécie humana, algum mortal empreendedor entrou em uma caverna buscando abrigo. Cada criança recomeça o mundo, em algum grau, e ama ficar ao ar livre, mesmo quando está chuvoso e frio. Brinca de casinha, assim como de cavalo, tendo instinto para isso. Quem não se recorda do interesse com que, quando jovem, olhava rochas inclinadas ou qualquer aproximação de uma caverna? Era o anseio natural por qualquer porção de nosso ancestral mais primitivo que ainda sobrevivia em nós. Da caverna, avançamos para telhados de folhas de palmeiras, de cascas e ramos de árvores, de linho tecido e esticado, de grama e junco, de tábuas e telhas, de pedras e azulejos. Por fim, não sabemos o que é viver ao ar livre, e nossa vida é doméstica em mais sentidos do que pensamos. Da lareira ao campo, há uma grande distância. Seria bom, talvez, se passássemos mais de nossos dias e noites sem nenhuma obstrução entre nós e os corpos celestiais, se o poeta não falasse tanto debaixo de um teto, ou o santo vivesse ali por tanto tempo. Pássaros não cantam em cavernas, nem pombos valorizam sua inocência em pombais.

No entanto, se alguém planeja construir uma moradia, cabe a essa pessoa exercer um pouco da sagacidade ianque para que, por fim, não se encontre, em vez disso, em um reformatório, um labirinto sem pista, um museu, uma casa de caridade, uma prisão ou um esplêndido mausoléu. Considere primeiro quão leve um abrigo deve necessariamente ser. Vi indígenas penobscot, nesta cidade, vivendo em tendas de tecido fino de algodão, enquanto a neve se acumulava em quase trinta centímetros em torno deles, e creio que ficariam felizes com um acúmulo ainda maior para barrar o vento. Antes, quando viver de forma honesta, com liberdade para minhas próprias atividades, era uma questão que me atormentava ainda mais que agora, pois infelizmente me tornei um tanto calejado,

costumava ver uma grande caixa ao lado da ferrovia, um metro e oitenta de comprimento por noventa centímetros de largura, na qual os trabalhadores trancavam as ferramentas à noite. Isso me sugeriu que cada homem em dificuldades poderia conseguir uma por um dólar, e, tendo feito alguns buracos de broca nela, para deixar passar ao menos ar, entrar nela quando chovesse e durante a noite, prender a tampa e ter liberdade em seu amor, e ali sua alma estaria livre. Não parecia a pior alternativa nem a mais desprezível. Era possível ficar acordado quanto quisesse e, sempre que se levantasse, sair sem nenhum senhorio nem proprietário perseguindo-o por causa do aluguel. Muitos homens atormentados até a morte para pagar o aluguel de caixas maiores e mais luxuosas não teriam morrido congelados em uma caixa como essa. Estou longe de brincar. Economia é um assunto que aceita ser tratado com frivolidade, mas não pode ser deixado de lado do mesmo modo. Uma casa confortável de uma raça rudimentar e resistente, que vivia a maior parte do tempo ao ar livre, foi um dia feita aqui quase apenas de materiais que a Natureza colocou ao alcance das mãos. Gookin, que era superintendente dos indígenas da Colônia de Massachusetts, escrevendo em 1674, diz: “As melhores de suas casas são cobertas muito cuidadosamente, firmes e aquecidas, com cascas de árvores, retiradas nas estações em que a seiva sobe, e transformadas em grandes lascas, sob a pressão de madeira pesada, quando estão verdes... As mais simples são cobertas de esteiras que eles fazem com um tipo de junco e também são firmes e quentes do mesmo modo, mas não tão boas quanto as primeiras [...] Vi algumas de vinte a trinta metros de comprimento e dez de largura [...] Fiquei hospedado em suas tendas com frequência e as achei tão aquecidas quanto as melhores casas inglesas”. Ele acrescenta que elas eram normalmente atapetadas e cobertas com esteiras bordadas bem tecidas e continham vários utensílios. Os indígenas eram avançados a ponto de regular o efeito do vento com uma esteira suspensa sobre o buraco no teto, movida por um fio. Um abrigo assim era construído em primeira instância em um dia ou dois, no máximo, e desmontado e guardado em poucas horas; e toda família possuía um ou parte de um deles.

Entre os selvagens, cada família possui um abrigo tão bom quanto possível e o suficiente para suas necessidades mais simples e brutas, mas acho que não é exagero dizer que, embora os pássaros do ar tenham

seus ninhos, as raposas, suas tocas, e os selvagens, suas tendas, na sociedade civilizada moderna não mais que a metade das famílias possui um abrigo. Nas cidades e nas vilas maiores, onde a civilização prevalece, o número dos que possuem um abrigo é uma fração muito pequena do total. O resto paga um preço anual por essa veste mais exterior, tornada indispensável no verão e no inverno, montante com o qual seria possível comprar uma vila de tendas indígenas, mas que agora ajuda a mantê-los pobres enquanto viverem. Não tenho a intenção de insistir aqui nas desvantagens do aluguel em comparação com ser dono da propriedade, mas é evidente que o selvagem é dono de seu abrigo porque ele custa bem pouco, enquanto o homem civilizado normalmente aluga o seu porque não consegue ser proprietário e, no longo prazo, não conseguirá pagar o aluguel. Mas, responde um, ao simplesmente pagar essa taxa, o homem civilizado garante uma moradia que é um palácio comparada com a do selvagem. Um aluguel anual de vinte cinco até cem dólares (esses são os preços locais) lhe dá o benefício de melhorias de séculos, acomodações espaçosas, tinta e papel de parede claros, lareira Rumford, reboco reforçado, venezianas, bomba de cobre, trava de mola, um porão espaçoso e muitas outras coisas. Mas como este homem, que dizem desfrutar dessas coisas, é com frequência um homem civilizado *pobre*, enquanto o selvagem, que não as tem, é rico enquanto selvagem? Se afirmam que a civilização é um avanço real na condição do homem – e eu acho que é, embora apenas os sábios melhorem suas vantagens –, deve-se demonstrar que ela produziu moradias melhores sem as tornar mais caras; e o custo de algo é a quantidade do que chamarei de vida que é exigida em troca, de imediato ou em longo prazo. Uma casa comum nesta vizinhança custa talvez oitocentos dólares, e juntar essa quantia levará de dez a quinze anos da vida do trabalhador, mesmo se ele não tiver de sustentar uma família – estimando o valor pecuniário do trabalho de um homem em um dólar por dia, pois, se alguns recebem mais, outros recebem menos –, de modo que ele terá gasto mais da metade de sua vida antes que *sua* tenda seja adquirida. Se imaginarmos que ele pague um aluguel em vez disso, é uma escolha duvidosa entre dois males. O selvagem seria sábio em trocar sua tenda por um palácio nesses termos?